

A 1ª Conferência de Lambeth

Na 1ª Conferência a preocupação gira em torno da eclesiologia, na organização diocesana e provincial com o sistema conciliar e sinodal. Diga-se de passagem que é nossa distinção entre concílio e sínodo. Em várias Igrejas da Comunhão Anglicana, usa-se sínodo diocesano e geral ou provincial e convenção diocesana e geral como nos Estados Unidos.

É claro que a preocupação de quem se interessou mais na convocação de um Sínodo Geral da Comunhão Anglicana foi de ordem teológica, por exemplo, como penas eternas. O Bispo John Travers de Ontário, outrora bispo na África do Sul, muito abalado com o Livro Ensaio e Resenhas, e com o ensino do Bispo Colenso, naquele tempo considerado heterodoxo procurou por meio das leis eclesiásticas condenar o que lhe parecia erro na Igreja. Tudo indica que seus intentos apoiados pelo Concílio de sua diocese foram frustrados e saiu uma outra coisa que foi a Conferência sem nenhum poder legislativo, um encontro dos bispos para a adoração, consulta mútua por meio de estudos e produção de relatórios e resoluções que não obrigaram a nenhum cumprimento a não ser por meio de adoção sinodal. Essa tem sido a prática até hoje.

É bom observarmos que o modelo de Conferência e não um sínodo surgiu depois de um longo processo de ponderações. Entre os que desejavam a convocação de uma reunião dos bispos havia os que eram tomados de entusiasmo por um Sínodo Geral da Comunhão Anglicana.

Sob essa perspectiva é interessante lermos um trecho da resposta cautelosa do Arcebispo de Cantuária, Charles T. Longley, a uma carta dirigida pelo Bispo de Ontário, John Travers. "A reunião de tal Sínodo não é, de modo algum, estranho aos meus sentimentos"... "Não posso, todavia, dar qualquer passo em matéria tão grave sem consultar meus irmãos do Episcopado da Igreja da Inglaterra e da Irlanda e das diferentes colônias e domínios do Império Britânico".

Em maio de 1866, o Arcebispo levou o pedido de convocação de uma reunião dos bispos a uma espécie de Sínodo (Convocation) da Cantuária. Houve muitas vozes falando sobre as dificuldades e perigos dessa natureza de reunião. No fim, a Câmara dos Presbíteros sugeriram que o Arcebispo convocasse todos os bispos que se encontravam em comunhão com a Igreja da Inglaterra para o "mútuo conselho sobre matérias que dizem respeito ao bem estar da Igreja."

Foi muito mais difícil convencer a Câmara dos Bispos da importância de tal reunião episcopal. Tudo indica que os bispos foram cautelosos no sentido de que essa reunião viesse a ser um Sínodo Mundial dos anglicanos.

Aqui há um dado que deve ser observado. Houve multiplicação rápida das dioceses fora da Inglaterra. Na época da 1ª Conferência havia 144 bispos no mundo anglicano.¹ Nessa época, em 1841, inspirado pelo sermão do Bispo Doane, de Nova Jersey, nos Estados Unidos de que o bispo deve ser enviado na frente de todos como missionário, o Bispo de Londres, Bloomfield, talentoso em administração criou o Fundo para os Bispos das colônias, (Colonial Bishops' Fund). Esse fundo incentivou a criação de novas dioceses.²

É possível que os bispos ingleses tivessem certo receio de que a maioria de bispos fora da Inglaterra viesse influir nas decisões que poderiam ter consequências para a Igreja da Inglaterra. De fato, se for um sínodo geral da Comunhão Anglicana o que se legisla pela maioria torna-se obrigatória para os bispos da Igreja em qualquer parte na Comunhão Anglicana. Então, se isso pesou na resistência contra a convocação de um sínodo geral da Comunhão Anglicana, essas preocupações nos livraram do peso da criação de um organismo internacional com o poder legislativo e ajudaram a Comunhão Anglicana criar um modelo de consulta mútua e fraterna para o governo da Igreja.

A carta de convite do Arcebispo Longley levou em consideração as preocupações dos bispos, principalmente, da província de York. De fato, eles sentiram-se impedidos de atender ao convite do Arcebispo e não vieram à Conferência, mesmo que a carta tivesse o seguinte teor.

¹ MOORMAN, John R.H. *A History of the Church in England*, pp.386-88

² STEPHENSON, Alan M.G. *Anglicanism and the Lambeth Conferences*, p.11

1. O Arcebispo consultou as duas Câmaras de sua província. Naquele tempo ainda não havia a participação leiga na Igreja da Inglaterra. (Como vimos, anteriormente, na Igreja nos Estados Unidos, na Nova Zelândia e mais em algumas outras havia a participação dos leigos.) E ouviu o conselho de ambas as Câmaras no sentido de que os bispos da Inglaterra e do exterior sejam convidados

2. Semelhante conselho ele recebeu dos irlandeses, das colônias e do bispo de Illinois, nos Estados Unidos.

3. O propósito principal deve ser, acima de tudo,

- (a) procurar a bênção de Deus unindo-se na expressão máxima da liturgia da Igreja,
- (b) e considerar mutuamente a unidade na obra missionária,
- (c) promover a intercomunhão anglicana.

4. Tal reunião não será competente para definir alguns pontos de doutrina. Porém, unidos em adoração e nos conselhos fraternos é possível manter a unidade da fé.

De fato, o Arcebispo havia dito aos bispos ingleses que ele não convocaria uma reunião que tivesse pretensão de elaborar cânones e tomar decisões que obrigam às Igrejas o seu cumprimento.³

Setenta e seis bispos aceitaram o convite. Tudo indica que as sessões da Conferência duraram quatro dias, mas houve muitas sessões preliminares para acertar a agenda. Pode-se imaginar a dificuldade em elaborar uma agenda que pudesse atender toda uma gama de problemas que os bispos de diferentes persuasões estavam levando para serem debatidos. Uns queriam a instituição de um tribunal superior a todas as instâncias nas Igrejas da Comunhão Anglicana. Havia quem se interessasse pela confirmação da condenação do Colenso. A plena comunhão com a Igreja da Suécia era o desejo de alguns bispos. Outros queriam o diálogo com as Igrejas Orientais. Ainda outros queriam coibir o ritualismo. A revisão do Livro de Oração Comum e da Versão Autorizada da Bíblia. O papel do laicato e a aplicação social do Evangelho faziam parte dos debates preliminares para a elaboração da agenda. Jocosamente um grupo de coadjutores das paróquias de Londres fez chegar à Conferência o pedido de debate sobre o salário deles.

E as comissões designadas ficaram em Londres trabalhando por meses até redigir os relatórios. Quem eram esses bispos? Havia teólogos e historiadores competentes e profissionais, peritos em leis, formados em medicina. Há indicações de que eles já haviam ocupado cadeiras nas Universidades de Cambridge, Oxford e outras.⁴ Todos eles participavam das diferentes visões teológicas e eclesiais existentes na época.

A Conferência elaborou uma Carta Pastoral, tomou algumas decisões e publicou os relatórios. Este modelo persiste até agora.

Na saudação há indicação de autocompreensão anglicana que se completa com o que foi dito nas resoluções que logo vamos examinar.

Aos fieis em Cristo Jesus, Presbíteros e Diáconos e membros leigos da Igreja de Cristo em comunhão com o Ramo Anglicano da Igreja Católica.

Que é essa compreensão do Ramo Anglicano da Igreja Católica? No preâmbulo das Resoluções os bispos disseram:

Nós, bispos da Igreja Santa Católica de Cristo em comunhão visível com a Igreja Unida da Inglaterra e da Irlanda, professando a Fé uma vez entregue na Santa Escritura, mantida pela Igreja Primitiva e pelos Pais da Reforma Inglesa, agora reunidos...

Foi isso que, em diferentes tempos, desde a Reforma do século XVI, os anglicanos têm dito. No entanto, para chegar a essas marcas houve longos e calorosos debates.

Na Pastoral, encontramos um outro aspecto da compreensão anglicana da Igreja. "O amor pelos santos". Os santos são membros da Igreja e têm uma dimensão inclusiva no sentido de abarcar os vivos e os mor-

³ *The Six Lambeth Conferences*, SPCK, 1929 pp 5-8

⁴ STEPHENSON, Alan M.G. *opus cit*, pp 31ss.

tos. O que se destaca é o sentido fraterno e comunal e comunhão. "Pela expansão do conhecimento de Cristo entre as raças". Outra característica da catolicidade é a inclusividade racial. No entanto, a reunião era de homens brancos. Havia um único bispo negro naquela época, o Bispo Samuel Adjai Crowther, ex-escravo, que não pode vir à Conferência e só pode vir em 1888.

Essa inclusividade é intencional e aberta para a sua expressão mais plena e não significa ausência de problemas e de pecado na Igreja. Tanto assim que a oração passa a ser uma súplica. "Com uma só boca suplicamos a Deus, o Pai que pelo poder do Espírito Santo nos fortaleça para emendarmos entre nós as coisas que estão fora de propósito, e para providenciar as coisas que estão faltando e chegarmos a adorar-te com máximo zelo". E, finalmente, a oração pede o restabelecimento do dom da unidade em toda a Igreja.

A Carta reflete, também, o conflito entre as Igrejas, principalmente, com a Sé Romana. A crítica se dirige à área de

1. Superstições e adendo de ensino discutível à Palavra.
2. A pretensão da soberania universal sobre a herança de Deus por parte da Sé de Roma
3. A exaltação prática da Bem-aventurada Virgem Maria como mediadora, que substitui o seu Divino Filho e as intercessões dirigidas a ela.

Também, o item 2 tinha um propósito bem específico, na véspera do Concílio de Trento (1870) onde foi promulgada a Infalibilidade Papal e onde não faltaram opositores como Newman, ex-anglicano e Döllinger, que deixou a Igreja Católica e começou a Igreja Vetero-Católica.

A Carta passou, também, por momentos difíceis, quando se referiu à morte de Cristo por nós, para reconciliar o Pai conosco, de acordo com o 2º artigo dos XXXIX Artigos da Religião, porém não conforme a teologia paulina.

Verifica-se que a preocupação com a unidade da Igreja é bastante saliente. No preâmbulo das resoluções, a Conferência dá,

em primeiro lugar, graças porque Deus os trouxe ao conselho mútuo e à unidade na adoração.

Em segundo lugar, expressa a profunda tristeza pela divisão do rebanho de Cristo pelo mundo e o desejo ardente de que se cumpra a oração do Senhor: para que seja um.

Em terceiro lugar, a Conferência registra que a unidade será mais eficientemente promovida pela manutenção da Fé em sua pureza e integridade como é ensinada nas Santas Escrituras, resumida nos Credos, e afirmada pelos incontáveis Concílios Gerais, e pela união de cada um com o Senhor comum, e pela doação de todos à oração e intercessões, e cultivo do amor.

Resoluções

São ao todo treze resoluções e giram em torno da autodisciplina que as Igrejas da Comunhão Anglicana devem manter e dos meios para a promoção da intercomunhão.

1. Na eventual criação de novas dioceses e na sagração de novos bispos, os Arcebispos, Metropolitanos e Bispos Presidentes, isto é, os Primazes devem ser informados.

2. Na eventual visita dos clérigos e leigos às outras dioceses, é recomendável que levem a carta de recomendação.

Na opinião da Conferência a unidade na Fé e Disciplina se mantém pela subordinação dos Concílios aos Sínodos.

No que se refere à situação da Igreja em Natal, na África do Sul a Conferência lamentou profundamente e endossou a resolução da Convocação da Cantuária passada no dia 29/6/1866, que reza o seguinte.

Se se decidir a sagração de um novo bispo de Natal, é opinião desta Câmara que se elabore um instrumento formal de assentimento à doutrina e disciplina da Igreja da Província da África do Sul, ao qual todo bispo, presbítero e diácono se subscrevam.

Uma outra resolução diz respeito ao padrão de fé e doutrina em uso na Igreja que deve ser recebida da Igreja-mãe pelas Igrejas novas em formação pelo trabalho missionário. Nessa recepção haverá sempre o direito de fazer a adaptação de acordo com as exigências das circunstâncias locais, contanto que não esteja inconsistente com o princípio do Livro de Oração Comum.

Relatórios

Vários assuntos foram tratados pelas comissões, mas o que se destaca é o relatório sobre o sistema sinodal e um outro sobre a eleição de bispos.

1. A comissão encarregada de tratar do sistema sinodal julgou que era necessário pensar mais abstratamente num princípio que pudesse ser adaptado conforme as circunstâncias e as leis já herdadas.

1.a. No sistema sinodal o concílio diocesano é a forma principal e mais simples de tal sistema. Por meio de concílio obtém-se a cooperação de todos os membros da Igreja em ação e assegura-se a aceitação das leis da Igreja, que obrigam o seu cumprimento por parte dos que expressamente ou pela implicação deram o consentimento.

1.b. O concílio deve consistir de bispo, clérigo jurisdicionado e de representantes do laicato. A constituição do sínodo diocesano (i.e., concílio em nossa nomenclatura) pode ser determinada pelos regulamentos estabelecidos pelo sínodo da Província ou pelo consentimento geral da diocese ad referendum do sínodo provincial.

1.c. No que se refere à organização do concílio, sugere-se a forma unicameral com votação separada em duas ordens, em casos que assim exigem.

1.d. É interessante observar que a Igreja, nesse período, não estava consciente do ensino evangélico e paulino de que em Cristo não há homem, nem mulher, mas uma nova criação, por isso, todos são iguais. (Gl 3.28). E isso redundou em afirmar que os representantes do laicato devem ser homens.

2. O Sínodo provincial ou Sínodo Geral como é denominado na Nova Zelândia, ou Convenção Geral, nos Estados Unidos, diz o relatório, provê duas coisas: (1) um método de assegurar a unidade entre as dioceses, (2) o elo entre essas dioceses com outras Igrejas da Comunhão Anglicana.

3. Sem questionar o direito dos bispos de uma Província se reunir quando e onde quiserem, o relatório sugere que a reunião sinodal seja de bispos, clérigos e leigos representantes de cada diocese.

4. Cada Província deve resolver se deve ou não, ou em que circunstâncias, todos devem se reunir numa só Câmara ou separadamente. Quanto à votação o relatório sugere que seja feita separadamente por ordens. Para fins legislativos é preciso que o consentimento seja obtido nas três ordens: bispos, clérigos e leigos. As funções e poderes que não envolvam a legislação sejam reservados aos bispos, em virtude de seus ofícios.

5. Para evitar os conflitos entre Sínodo diocesano e Sínodo geral (ou em nossa nomenclatura, concílio e sínodo), o Sínodo geral deve tratar de questões de interesse geral de toda a Igreja (P.EX, IEAB) e daquelas que afetam a comunhão entre as dioceses e a comunhão com o resto da Igreja, e deve deixar que o sínodo diocesano (em nosso caso, concílio) trate de seus negócios.

Sob essa perspectiva, o relatório sugere que as alterações litúrgicas (LOC), o regulamento da disciplina do Clero, o regulamento concernente ao julgamento do Clérigo são da alçada do Sínodo Geral. Do mesmo modo, a criação de uma diocese é da competência do Sínodo Geral.

Num outro relatório, as sugestões quanto à eleição de um bispo foram alinhavadas do seguinte modo:

A. Deve-se levar em consideração a necessidade de se ter ação concomitante de duas partes: clero e laicato, sendo os bispos da Província responsáveis pela sagração.

B. Em princípio, de acordo com a prática da Igreja Antiga, a diocese deve eleger o seu bispo e os bispos da Província devem confirmar a eleição. Também, o relatório opina que é consistente com esse princípio a diocese enviar dois ou mais nomes à Câmara dos Bispos para a escolha de um. Ou ainda é possível que a dio-

cese delegue a um órgão ou pessoas para escolher o seu bispo. Ou ainda é consistente com aquele princípio acima exposto que a Câmara dos Bispos sugira dois ou mais nomes para que a Diocese eleja um deles.

SOBRE A 2ª CONFERÊNCIA.

Preocupou-se mais pela manutenção da unidade entre as Igrejas da Comunhão Anglicana. Foram reafirmados os padrões de doutrina, disciplina e liturgia anteriormente aceitos.

Os títulos dos Relatórios

I. A melhor Forma de Manter a Unidade entre as Várias Igrejas da Comunhão Anglicana.

I.1-4. Unidade e Diversidade

A inviabilidade do Sínodo Geral da Comunhão Anglicana e método de consulta (pp 82-3)

1. Organização eclesial
2. Obra comum
3. Carta de recomendação do clero que viaja
4. comunicação entre as Igrejas
5. Dia de Intercessão
6. Diversidade nas formas de adoração

II. Relatório sobre o Tribunal Superior de Apelação

III. A Relação entre os Bispos Missionários e Missionários de Vários Ramos da Comunhão Anglicana atuando no mesmo país.

IV. Posição das Capelanias Anglicanas na Europa Continental

[A idéia do patriarcado anglicano não se vingou e em 1897 ficou muito mais patente de que esse não é desejo anglicano. STEPHENSON , PP100-101, 51-2,54]

3ª Conferência (1888)

- I. Relatório sobre o dever da Igreja em relação à intemperança
- II. Relatórios sobre a pureza
- III. Divórcio
- IV. Poligamia
- V. Observação do domingo
- VI. Socialismo
- VII. Pastoral dos Emigrantes
- VIII. Relações Mútuas entre as Dioceses e Províncias
- IX. Reunião da Comunhão Anglicana com outras Igrejas de origem inglesa
- X. Relação com as Igrejas Escandinavas e VeteroCatólica
- XI. Igrejas Orientais
- XII. Padrões de Doutrina

4ª Conferência (1897)

- I. Organização da Comunhão Anglicana
 1. Organismo central consultivo
 2. Tribunal de Referência
 3. Relação dos Primazes e Metropolitanos fora da Inglaterra com a Cantuária
 4. Posição e Função da Conferência de Lambeth
- II. Relação das Comunidades Religiosas com o Episcopado dentro da Igreja (sobre a diaconisa, p.217)
- III. Estudo Crítico das Escrituras
- IV. Missão Estrangeira
- (a) Dever da Igreja para com os seguidores
 1. das religiões étnicas

- 2. do judaísmo
- 3. do islamismo
- (b) Desenvolvimento das Igrejas indígenas (nativas)
- (c) Relação dos Bispos e Clérigos Missionários e com as sociedades missionárias

- V. Sobre os Movimentos de Reforma na Europa e Alhures
 - 1. A Igreja Vetero-Católica na Alemanha
 - 2. na Suíça
 - 3. A Igreja Cristã Católica da Suíça anterior à Reforma
 - 4. A Igreja Episcopal Mexicana
 - 5. Igrejas Latinas
 - 6. Áustria
 - 7. A Igreja Episcopal no Brasil
- VI. Sobre a Unidade da Igreja em relação
 - 1.com Igrejas Orientais
 - 2.com a Comunhão Latina
 - 3.com outras organizações Cristãs
- VII. Tribunal Internacional
- VIII. Questões Industriais
- IX. Livro de Oração Comum, Offícios Adicionais e Adaptações Locais
- X. Deveres da Igreja para com as Colônias
- XI. Diplomas de Teologia

5ª Conferência (1908)

Carta (ver o espírito da...)
 Fé e Pensamento Moderno
 Provisão e Treinamento do Clero
 Educação
 LOC
 Santa Comunhão (problema do cálice e o receio)
 Ministério da Cura
 Casamento e seus problemas
 O testemunho moral da Igreja
 Organização anglicana
 Reunião

- I. Relatórios sobre a Fé e Pensamento Moderno (dar atenção pp 344ss)
- II. Provisão (Supply) e Treinamento do Clero e o intercâmbio entre as Igrejas da CA
 - 1. decrescimento do número de vocações na Inglaterra
 - 2. resultado sentido na Inglaterra
 - 3. em outras Províncias
 - 4. causas do declínio
 - 5. provisão
 - 6. Treinamento
 - a) Treinamento preliminar
 - b) Treinamento universitário
 - c) Treinamento especial
 - 7. Intercâmbio de serviço
 - 8. Apêndice: estatística
- III. Educação Religiosa nas Escolas
- IV. Missão estrangeira
 - A. crescimento nas linhas raciais e nacionais na África, Ásia, América
 - 1. Batismo
 - 2. LOC

- 3..Casamento
- 4. Adaptação aos costumes nativos
- 5. Autonomia financeira e política
- 6. Problemas raciais

B. correlação e cooperação entre agências missionárias
tradução do Nome de NS Jesus Cristo nos países sob a influência islâmica

- V. Sobre o LOC e sua adaptação e enriquecimento
Saltério, Lecionário, Quicunque vult
- VI. Sobre condições exigidas para a ministração da Santa Comunhão
- VII. Sobre o Ministério da Cura
(a) Unção, (b) em relação à Ciência Cristã
- VIII.. Casamento
(a) Divórcio, (b) Graus de parentesco proibidos, (c) Controle de Natalidade
- IX. Sobre o testemunho ético da Igreja em relação ao ideal democrático e questões sociais e econômicas
- X. Sobre a organização interna da Comunhão Anglicana
- XI. Sobre Reunião e Intercomunhão
(a) Igrejas Episcopais
(b) Não-episcopais
(c) Unitas Fratrum
- XII. Comunidades religiosas

6ª Conferência (1920)

Notas biográficas do Arcebispo Randall Davidson (1840-1930)
Foi arcebispo de Cantuária de 1903 a 1920.

Notas biográficas do Arcebispo Cosmo Lang ().

08/04/94

Manutenção e Promoção da Unidade entre as Igrejas da Comunhão Anglicana (1878)

A 2ª Conferência de Lambeth ocupou-se mais com a manutenção e promoção da unidade das Igrejas de sua Comunhão.

A seguinte agenda foi adotada e discutida sob a presidência do Arcebispo Tait.

- I. A melhor Forma de Manter a Unidade entre as Várias Igrejas da Comunhão Anglicana.
- I.1-4. Unidade e Diversidade
A inviabilidade do Sínodo Geral da Comunhão Anglicana e a adoção do método de consulta
 - 1. Organização eclesial
 - 2. Obra comum
 - 3. Carta de recomendação do clero que viaja
 - 4. Comunicação entre as Igrejas
 - 5. Dia de Intercessão
 - 6. Diversidade nas formas de adoração
- II. Relatório sobre o Tribunal Superior de Apelação
- III. Relação entre os Bispos Missionários e Missionários de Vários Ramos da Comunhão Anglicana atuando no mesmo país.
- IV. Posição das Capelanias Anglicanas na Europa Continental

A agenda acima indicada mostra-nos que a 2ª Conferência trabalhou em torno daquelas coisas que proporcionassem às Igrejas a unidade na diversidade.

Quais são essas coisas? Primeiro, a questão da unidade. Existe a unidade na comunhão numa só Cabeça Divina. Como a Conferência entendeu essa comunhão? Ela reiterou o que se disse anteriormente com pequenas variações: de uma só Igreja Católica e Apostólica, que mantém uma só Fé revelada na Sagrada Escritura, definida nos Credos, mantida pela Igreja Primitiva, que recebe as mesmas Escrituras Canônicas do Antigo Testamento e do Novo Testamento contendo todas as coisas necessárias para a salvação. Estas Igrejas ensinam a mesma Palavra de Deus, participam dos mesmos Sacramentos divinamente ordenados, por meio do ministério das mesmas ordens apostólicas e adora um só Deus e Pai pelo mesmo Senhor Jesus Cristo, pelo mesmo Espírito Santo e Divino, o qual é dado aos que crêem, para guia-los em toda a verdade.

Sempre que se fala na unidade surge a questão da diversidade. De fato, se quiser levar a sério a realidade da vida e, acima de tudo, a realidade de Deus revelada como o Deus Triuno, é preciso que se leve em consideração a diversidade. Como foi considerada a diversidade? Nas Igrejas em comunhão numa só Cabeça divina houve sempre variedade de costumes, disciplinas e formas de adoração, em consequência do exercício dos direitos "por parte das Igrejas particulares e nacionais de instituir, alterar, e abolir cerimônias ou ritos da Igreja ordenados pela autoridade humana, de modo que tudo seja feito para a edificação". (Art XXIV dos 39 Artigos)

Por outro lado, a Conferência entendeu que, na Comunhão Anglicana, não havia questões efervescentes na área da diversidade.

A concepção da Comunhão na unidade e diversidade em missão requer um método que corresponda a essa concepção e viabilize seus objetivos. Esse método, entenderam os membros da Conferência, deve ser aquele que originou da inspiração dos Apóstolos e serviu para manter as Igrejas de Cristo em comunhão visível e indivisa. Tal método é o concílio disseram eles. E pode-se dizer que o coração do Concílio é a consulta. Por isso, reconheceram a importância do Concílio ou Sínodo Geral, e, também, da sua inviabilidade nas condições reais das Igrejas. Por essa razão, eles descartaram o Sínodo Geral das Igrejas da Comunhão Anglicana e o Tribunal Superior de Apelação da Comunhão Anglicana. Essa questão sempre voltou nas Conferências. Na Conferência de 1897 a maioria dos bispos pronunciou que não era a intenção deles ter um Sínodo Geral da Comunhão Anglicana nem transformar a Cantuária num Patriarcado Anglicano.⁵

Estabelecida essa visão católica da Igreja como a Comunhão Anglicana entendeu passaram a tratar da relação entre os bispos, dioceses e clérigos. Um desses princípios que abarca a unidade e diversidade é o respeito a um agrupamento do povo de Deus numa área geográfica e sua relação com outras num outro agrupamento, isto é, Diocese e Província.

Conforme esse princípio, estabelecida uma diocese nenhum bispo nenhum clérigo pode atuar nela sem o consentimento do bispo da diocese. Baseado, também, nesse princípio nenhum clérigo será transferido para uma outra diocese sem o seu consentimento e do seu bispo e do bispo da diocese, à qual se pretende ser transferido. Como foi dito anteriormente, esse princípio era importante para manter a unidade e diversidade entre as Igrejas da Comunhão Anglicana. Esse princípio está em vigor até hoje.

Na verdade, havia a necessidade de "ecumenismo" interno das Igrejas da Comunhão Anglicana. As diferentes sociedades missionárias de diversas Igrejas como a da Inglaterra, dos Estados Unidos e do Canadá, por exemplo, estavam operando num só país como Japão. Na África e na Índia as sociedades missionárias tiveram a dificuldade de cooperação e deixaram certas cicatrizes que foram difíceis de sanar. Atualmente, elas estão cooperando. A formação das Províncias ou Igrejas autônomas facilitou a cooperação, porque as dioceses e as Províncias não ficaram atreladas a uma só sociedade, embora em alguns lugares tal coisa tivesse acontecido, porém mais cedo ou mais tarde o cordão umbilical teve de ser cortado.

Não se mantém a unidade só com o arranjo das estruturas e organização. A unidade requer ação conjunta. Por isso, procuraram unir-se em ação, cooperação. Descobriram que uma das necessidades das Igrejas mais jovens estava na esfera da educação, da formação dos clérigos.

⁵ STEPHENSON, Alan M.G. *Opus cit* pp 100-1

Um outro meio de promover a unidade proposta foi a intercessão. De fato, a intercessão pela Missão implica na participação na Missão do Filho enviado pelo Pai e leva a Igreja ampliar os sinais do Reino sob um só Pastor, Jesus Cristo. Naquela época a intercessão ficou limitada a determinado período do ano cristão, por exemplo, na semana que precede ao Pentecostes. Hoje, todos os dias há orações por mais de uma diocese na Comunhão Anglicana.

Como nas futuras Conferências foi tratada a questão da unidade e diversidade na adoração. No entanto, a dimensão da unidade recebeu mais ênfase.

Havia, sem dúvida, problemas decorrentes de várias sociedades missionárias de mais do que uma Igreja em operação. Por isso, houve recomendação de que não se introduzissem vários Livros de Oração Comum aos conversos do paganismo. Mas, ao mesmo tempo, a recomendação deu espaço à adaptação da Liturgia, de um lado, e de outro, a preservação do padrão do Livro de oração Comum.

Como se pode observar nas duas primeiras Conferências a preocupação dos bispos estava voltada mais para a organização da Igreja e sua relação com outras Igrejas. Já na segunda Conferência começou despontar as preocupações relativas à ética. Os temas do dia foram discutidos: temperança, a santidade do matrimônio, divórcio, e assistência aos emigrantes britânicos, e a questão da poligamia e do socialismo.

Para além das fronteiras eclesiais e religiosas (1897 e 1908)

Os passos para além das questões eclesiais internas para área social e econômica foram dados paulatinamente. A caminhada para a conversação com outras Igrejas que não da Comunhão Anglicana foi iniciada na 1ª e 2ª Conferências. Isto não significou que as Igrejas representadas pelos bispos não tivessem preocupações com as questões sociais.

Na Inglaterra, a classe média e a elite viviam na prosperidade. Era o período do triunfalismo comercial. Muitos clérigos vinham da classe média embora houvesse exceções. Eles não tiveram a experiência da pobreza. Gozavam de rendimentos do patrimônio da família.

Nesse contexto, os evangélicos eram orientados por uma pastoral do assistencialismo e da reforma dos indivíduos. Os panfletários tiveram uma outra proposta: a ação da Igreja nas favelas para levar aos oprimidos uma nova esperança.

Nesse clima houve um grupo inspirado por F.D.Maurice, (1805-72), professor na Universidade de Londres, na College de Londres e por J.M. Ludlow (1821-1911), jurista que, na França, estudou a revolução francesa e Charles Kingsley, pároco de uma aldeia com facilidade de comunicação. Estes se consideraram socialistas cristãos, preocupados com as injustiças sociais e interessados na transformação social. Pois a prática social desse período foi dominada pelo individualismo e pelo descontroladas leis do comércio. E as leis do comércio eram consideradas leis da natureza e de Deus. Por isso, os indivíduos devem ser deixados livres para buscar o seu interesse.

Alec Vidler observa numa preleção Bampton, em Oxford em 1825 a filosofia do dia contra a qual um grupo de cristão reagia.

Conhecemos a tendência caritativa, no seu amplo significado, para humanizar a sociedade, para adoçar a vida simples, para mitigar, para quase anular todas as calamidades que afligem a natureza.

E Vidler comenta

Estes sentimentos piedosos constituíam uma resposta inadequada à imensa desumanidade da sociedade na qual viviam multidões de ingleses, ou à amargura da vida simples das choças onde tinham de viver e nas fábricas e minas onde mulheres e crianças, tal como os homens, tinham de trabalhar durante horas em condições intoleráveis.⁶

⁶ *A Igreja Numa Era de Revolução*, p. 92

Por outro lado, havia Thomas Spencer, clérigo da Igreja e tio do Herbert Spencer, que, na visão de seu sobrinho, era mais semelhante aos profetas do Antigo Testamento, que denunciavam os erros, tanto do povo quanto dos governantes. Como tal se diferenciava da maioria do clero que pensava que o seu ministério consistia em fazer cerimônias, fazer orações e dar ordens que não ofendiam os membros influentes do seu rebanho.⁷

No contexto dessa natureza a denominação socialismo cristão tinha sentido provocativo, e, no dizer de Maurice, o alvo era cristianizar o socialismo e socializar o cristianismo. Ludlow e Kingsley e Maurice fizeram circular panfletos com o nome de Política para o Povo, Socialismo Cristão e Socialista Cristão.

Este movimento teve seu recesso em 1854 e retomado uns vinte anos depois. Entrementes, houve movimentos de pequenas reformas em favor dos pobres, movimento de "ambulância", assistência para os alcoólatras. Houve clérigos que foram morar nas favelas para estar com os pobres já mencionado anteriormente. Essas questões de ordem assistencialista foram consideradas nas 3ª Conferência sob rubrica de Intemperança e Socialismo Cristão.

Por volta de 1873 houve um tipo de Encontro ou Congresso da Igreja, que se dedicou aos temas como a legitimidade das greves e indagavam pode-se conceber que S.Tiago ou S.Paulo ficasse do lado da elite contra os trabalhadores? Havia um bispo em Manchester com o nome de James Frazer respeitado por várias classes, considerado líder no movimento da justiça social e fez várias mediações nas vindicações trabalhistas.

Foi nesse período que o socialismo cristão foi retomado por aqueles que foram inspirados por Maurice, Kingsley e Ludlow. Estes foram Thomas Hancock e Stewart Headlam que consideravam o Magnificat como "Hino da Revolução Social" publicou panfletos como "a Bandeira de Cristo" nas mãos dos socialistas. Headlam fundou a Associação de S.Mateus, em Londres e contou com 400 membros. Esse grupo ia às ruas em protesto. Quando um jovem trabalhador foi morto numa demonstração socialista em Londres, Headlam liderou a caminhada pelas ruas importantes passando pela frente da Catedral de S.Paulo até o cemitério Whitechapel. Este movimento foi retomado posteriormente com moderação pelo Bispo Charles Gore, de Oxford, e pelos autores de Lux Mundi. Por isso, Moorman observou que, enquanto as "ambulâncias" de todos os tipos corriam atrás das vítimas da sociedade, houve, também, quem fosse às raízes dos males sociais e buscasse meios de sua cura.⁸

Sob esse pano de fundo, os bispos de diferentes pontos de vista reunidos em 1888 e 1897 trataram das questões colocadas pela revolução industrial.

A encíclica da Conferência de 1897 reconhece que, na visão de algumas classes, as indústrias são injustas aos trabalhadores e indevidamente favoráveis aos empregadores. É claro que eles não puderam entrar em pormenores a respeito da injustiça. Porém apelaram para a prática da fraternidade em todos os aspectos do relacionamento entre os empregados e empregadores. Também, ponderaram que os ricos estão mais distantes do Reino de Deus e que Deus está interessado com os cuidados dos pobres. Por outro lado, refletiram sobre as tentações ao desespero, à dependência da filantropia, que pesam sobre os trabalhadores. Em poucas palavras, não faltou à Conferência a sensibilidade para com as estruturas sociais e econômicas e leis injustas que geram a pobreza.

Socialismo na visão da Conferência de 1888 (continua)

apêndices

Notas biográficas do Arcebispo Archibald Campbell Tait (1811-1882)

Crescido na família escocesa presbiteriana, confirmado enquanto estudante em Oxford, tornou-se Deão da Catedral de Carlisle (1849), Bispo de Londres (1856) e Arcebispo de Cantuária (1868). Na época foi considerado o prelado mais notável em Cantuária desde a Reforma. Foi estadista. Teve compreensão mais profunda dos leigos e sua opinião em muitas matérias foi ouvida e respeitada pelas pessoas de diferentes posições e perspectivas. Foi evangélico, mas a sua grandeza fê-lo transcender aos partidos eclesiais. Por outro lado, ele não entendeu, de certa forma, as propostas dos panfletários de Oxford e seus sucessores.

⁷ *idem*, p.91

⁸ *opus cit.* p. 383; LLOYD, Roger. *The Church of England 1900-1965* pp 290-1.

Mas teve um zelo ardente pelo Evangelho e um desejo firme de ver a Igreja em Missão em todas as partes do mundo. J.R.H. Moorman, *A History of the Church of England*, pp 388-89

Notas biográficas do Arcebispo E.W. Benson (1829-96).

Não foi possível encontrar elementos biográficos deste Arcebispo. Foi, em 1860, diretor de Wellington, em 1875 fundou a Sociedade dos Padres Missionários, em Lincoln, em consequência da pregação de D.L. Moody e Ira D. Sankey que vieram dos Estados Unidos. Como hoje os evangélicos e católicos da Igreja da Inglaterra foram inspirados por Moody e Benson foi um deles. Foi um católico moderado. Procurou ser mais eclesiástico e se interessou menos pela política e questões nacionais. Ele foi convidado a se integrar ao grupo de Lightfoot, Westcott e Hort, para escrever comentários da Bíblia, mas recusou. Foi simpatizante moderado de *Essays and Reviews*. Como Arcebispo teve de julgar um Sufragâneo, Edward King por ter excedido em ritualismo da época. Este era muito respeitado na sua diocese como homem santo. A história da Igreja tem seu aspecto sombrio. Moorman considera Benson e Cosmo Lang, dois arcebispos preocupados com a imagem da Primazia diante da Igreja. Este é julgamento que Moorman faz. Talvez outros vejam essas duas figuras sob uma outra ótica. J.H.R. Moorman, *op.cit.*, e Alec Vidler, *opus cit.*

Notas biográficas do Arcebispo Frederick Temple (1821-1902)

Notas biográficas do Arcebispo Randall Davidson (1840-1930)

Foi arcebispo de Cantuária de 1903 a 1920. Nasceu numa família escocesa presbiteriana. Foi capelão do Arcebispo Tait, e Benson e ajudou o Arcebispo F. Temple na organização da Conferência de Lambeth. Foi homem moderado de High Church. Participou pessoalmente da Conferência Mundial de Missão, em Edimburgo, 1910. Mostrou-se hesitante no início. Porém tomou a coragem e foi com diferentes representantes anglicanos como Charles Gore, Herbert Kelly, líderes de SPG e CMS, e jovem William Temple como ajudante voluntário, que mais tarde veio a ser o Arcebispo mais destacado na história do anglicanismo.

A duração das Conferências e número de participantes

[1ª Conf 1867 de 24/09 a 28/09 e as comissões terminaram o trabalho em 10/12 76 bispos]

[2ª Conf 1878 de 29/06 a 27/07 100 bispos]

[3ª Conf 1888 de 03/07 a 07/07 e de 23/07 a 27/07 145 bispos]

[4ª Conf 1897 de 30/06 a 03/08 194 bispos]

[5ª Conf 1908 de 04/07 a 06/08 242 bispos]

[6ª Conf 1920 de 02/07 a 08/08 252 bispos]

3ª Conferência (1888)

- I. Relatório sobre o dever da Igreja em relação à intemperança
- II. Relatórios sobre a pureza
- III. Divórcio
- IV. Poligamia
- V. Observação do domingo
- VI. Socialismo
- VII. Pastoral dos Emigrantes
- VIII. Relações Mútuas entre as Dioceses e Províncias
- IX. Reunião da Comunhão Anglicana com outras Igrejas de origem inglesa
- X. Relação com as Igrejas Escandinavas e VeteroCatólica
- XI. Igrejas Orientais
- XII. Padrões de Doutrina

4ª Conferência (1897)

- I. Organização da Comunhão Anglicana
 1. Organismo central consultivo
 2. Tribunal de Referência
 3. Relação dos Primazes e Metropolitanos fora da Inglaterra com a Cantuária
 4. Posição e Função da Conferência de Lambeth

- II. Relação das Comunidades Religiosas com o Episcopado dentro da Igreja (sobre a diaconisa, p.217)
- III. Estudo Crítico das Escrituras
- IV. Missão Estrangeira
 - (a) Dever da Igreja para com os seguidores
 - 1. das religiões étnicas
 - 2. do judaísmo
 - 3. do islamismo
 - (b) Desenvolvimento das Igrejas indígenas (nativas)
 - (c) Relação dos Bispos e Clérigos Missionários e com as sociedades missionárias
- V. Sobre os Movimentos de Reforma na Europa e Alhures
 - 1. A Igreja Vetero-Católica na Alemanha
 - 2. na Suíça
 - 3. A Igreja Cristã Católica da Suíça anterior à Reforma
 - 4. A Igreja Episcopal Mexicana
 - 5. Igrejas Latinas
 - 6. Áustria
 - 7. A Igreja Episcopal no Brasil
- VI. Sobre a Unidade da Igreja em relação
 - 1.com Igrejas Orientais
 - 2.com a Comunhão Latina
 - 3.com outras organizações Cristãs
- VII. Tribunal Internacional
- VIII. Questões Industriais
- IX. Livro de Oração Comum, Ofícios Adicionais e Adaptações Locais
- X. Deveres da Igreja para com as Colônias
- XI. Diplomas de Teologia

21/02/aa

LAMBETH E QUESTÕES SOCIAIS (1888, 1897 e 1948)

É interessante observarmos que a Lambeth de 1888 associou a questão da "excessiva desigualdade na distribuição dos bens deste mundo", e da "vasta acumulação das riquezas de um lado e de outro, da desesperada pobreza" com a exploração dos trabalhadores sem o descanso dominical. Diz a Carta Encíclica dessa Conferência:

Devida observância do domingo como o dia de descanso, de adoração e de ensino religioso tem influência direta sobre o bem estar moral da comunidade cristã...

Apelamos às classes sociais que têm acesso ao lazer para que não retirem egoisticamente de outros as oportunidades de descanso e da prática de religião. Apelamos aos patrões e empregadores a observar os privilégios dos trabalhadores e empregados. No "Dia do Senhor" há uma herança sem preço. Quem faz mau uso do domingo incorre numa terrível responsabilidade.⁹

E a Carta passa a tratar das injustiças sociais que o socialismo denuncia. E pondera que

nenhum outro problema pode melhor ocupar a atenção dos clérigos e dos leigos do que a questão relacionada com o que se chama popularmente de socialismo.

E a Carta continua apreciar os estudos de esquemas que propõem a restauração do equilíbrio social por via legislativa ou por entendimento entre as classes sociais ou ainda por outros meios para a solução pacífica sem a violência e sem a injustiça é o objetivo mais nobre que os seguidores de Jesus Cristo podem entreter. E a Conferência recomenda a leitura do relatório sobre o socialismo.

⁹ *The Six Conferences of Lambeth*, p.109

Que se entendia por socialismo? Examinando algumas obras disponíveis, a comissão que tratou do assunto classificou os objetivos propostos pelas doutrinas socialistas. (1) introduzir nas condições sociais maior igualdade. (2) as reformas sociais pelo Estado. Também foi observado que a interferência do Estado como sendo necessária não é universalmente aceita entre os socialistas. 'O ponto central do socialismo conforme a última edição da Enciclopédia Britânica naquele tempo "é terminar com o divórcio dos trabalhadores com os recursos naturais da subsistência e da cultura."E a "essência dessa teoria consiste na produção cooperativa com um capital coletivo com vistas a uma distribuição eqüitativa".

À vista disso, a Conferência entendeu que, em termos gerais, qualquer esquema de reconstrução social poderá ser chamado de socialismo, contanto que vise unir o trabalho e os instrumentos de trabalho (terra e capital) seja pela mediação do Estado, seja pela ajuda do rico, seja pela cooperação voluntária dos trabalhadores.

Diante de uma noção vaga do socialismo, a Conferência não percebeu nenhuma incompatibilidade entre o cristianismo e o socialismo. Por outro lado, o relatório demonstrou as restrições que os bispos fizeram para com alguns socialistas ateus, ou advogados de dissolução de laços familiares, e de extinção de propriedade privada como sendo o mal social.

A Conferência mostrou, em linhas gerais, sua simpatia para com os ideais de uma democracia social e sugeriu uma pastoral que pudesse ajudar os trabalhadores a organizar as cooperativas, bancos, e ajudar os empresários a levar os trabalhadores a ter participação nos lucros da empresa. Um dos pontos importantes nesse relatório foi a compreensão de que o Evangelho tem a ver com as injustiças sociais de um lado, e de outro, com a transformação social.

Houve anterior a essa Conferência alguns movimentos sociais como já vimos anteriormente. Maurice, Kingsley, Ludlow e Stewart Headlam e sua irmandade ou fraternidade de S.Mateus tiveram já suas ações. E em 1889 Charles Gore editou *Lux Mundi* retomando a linha do movimento social, porém com ênfase nas pesquisas.

Também, na Igreja Episcopal nos Estados Unidos, estavam surgindo, nessa mesma época, movimentos similares. Por exemplo, a Associação da Igreja pelo Avanço dos Interesses do Trabalho foi fundando em 1887. Desde a sua fundação até 1904 o seu presidente foi o Bispo F.D. Huntington. Essa associação reunia eclesianos de várias tendências. Seu filho, James O. S. Huntington, fundador da Ordem de Santa Cruz, foi um dos líderes dessa organização. Ela influenciou no reconhecimento do movimento sindical. Também, ela levou a Convenção Geral da Igreja em 1901 a formar a Comissão para o estudo da relação entre o capital e o trabalho. Nesse mesmo ano, Bernard Iddings Bell - presbítero e teólogo da Igreja - fundou a Liga dos Cristãos Socialistas. Estes movimentos tiveram, naturalmente, as influências de Maurice, Kingsley, Ludlow, S.Headlam. Certamente, esse movimento se estendeu ao anglicanismo em outros países. Por isso, não é de estranhar que, no Congresso Pan-Anglicano de 1908, o tema do socialismo (democracia social) foi debatido com muito entusiasmo.

Em todos esses movimentos, o Evangelho era o centro motivador para denunciar os males sociais e trabalhar pela transformação social. Junto a essa visão evangélica a Igreja, de modo geral, e alguns teólogos compartilhavam o otimismo em relação ao progresso da humanidade. Nos Estados Unidos esse período foi denominado de Evangelho social. Naturalmente, o Evangelho social foi visto e exposto com diferentes matizes.

O tema da relação entre Igreja e o mundo foi retomado em 1948 sob o título de Deus e seu mundo. Isto foi depois da 2ª Guerra Mundial, após os horrores da guerra contra o totalitarismo, e após a divisão do mundo em áreas de influência das grandes potências e início da guerra fria.

A Conferência de 48 acolheu, de um lado, o progresso do conhecimento humano de si mesmo e do mundo, e, de outro lado, o otimismo irrestrito do progresso humano e indicou a possibilidade da autodestruição humana pelo uso do conhecimento. Questionou, também, a equação da felicidade com a posse das coisas. Igualmente, foi questionada a lealdade irrestrita ao Estado, à nação ou ao grupo a que pertencem as pessoas. Na visão da Conferência, a sociedade existe para servir as necessidades de seus membros e não para escravizá-los nem para os possuir completamente.

No que se refere ao comunismo a Conferência disse duas coisas. (a) a Igreja não se compactua com o caráter totalitário, com a exaltação do ateísmo, da confiança demasiada no progresso material e na esperança da conquista do mundo. (b) Por outro lado, ela reconheceu que, para muitos, o comunismo é um protesto contra injustiça social e herdou a preocupação pelos oprimidos e empobrecidos. Essa preocupação deve ser a glória da Igreja. Por isso, o comunismo é julgamento sobre a Igreja e mundo.

A crítica foi, também, dirigida contra "as formas de dominação econômica características da sociedade ocidental, que demonstram a impiedade e na sua prática não mostram reconhecimento claro da lei moral." ¹⁰

Já na Conferência de 68 o diálogo com os marxistas veio a ter importância junto com o envolvimento da Igreja na luta pela justiça e liberdade, nos movimentos nacionais de transformação social.¹¹ Na Conferência de 78 o discernimento amadureceu mais. Primeiro, houve conselho no sentido de que não se deve rotular qualquer crítica radical da sociedade como se fosse "comunista" nem se deve pensar que a alternativa capitalista seja a mais correta para os cristãos. Segundo, os cristãos devem reconhecer que as promessas feitas tanto pelo capitalismo quanto pelo marxismo não se realizaram. Terceiro, desde a Conferência de 48 um número crescente de nossos irmãos vive no regime marxista e este deixou de ser um sistema monolítico. Terceiro, a Igreja deve identificar-se mais com os pobres e gente sem voz e reconsiderar a atitude para com os que têm o poder de controle sobre as condições materiais de vida. Quarto, quem crê em Deus e no seu Reino é chamado a fazer crítica imparcial dos pecados da sociedade e de si mesmo em qualquer sistema onde viver.¹² Como participante dessa Conferência pude ver que a posição ali tomada teve de enfrentar as críticas infundadas feitas contra o Conselho Mundial de que este estava financiando as guerrilhas marxistas.

Também, na Conferência de 48, a proposta dos Direitos Humanos da Declaração de S. Francisco foi tratada, endossada com a base cristã: cada pessoa feita à imagem de Deus por quem Cristo deu sua vida.

LAMBETH E A LINGUAGEM DA IGREJA EM RELAÇÃO A SI MESMA E COM O MUNDO

A Igreja vive do mistério da comunhão de Deus-conosco, que deseja fazer da humanidade, das pessoas, homens e mulheres de diferentes raças, idade, classes, e culturas sua habitação. Para tanto enviou Jesus Cristo que viveu a comunhão do Deus-conosco no serviço da solidariedade com os sofredores, revelando o amor de Deus por este mundo. Ao viver esse amor criou a comunhão, que louva e engrandece a Deus com gratidão. Ao servir a Deus e os excluídos da comunidade Jesus Cristo foi rejeitado por aqueles que tinham o controle sobre a vida das pessoas. E o povo, em geral, consentiu com essa rejeição por omissão ou por passividade. No entanto, Deus aprovou a missão de Jesus por meio da ressurreição de Jesus. Em nossa visão, Deus amou o mundo, e esse amor é percebido na entrega completa de Jesus Cristo, que culmina na Cruz, e na sua ressurreição que sobrepuja a rejeição, o ódio, a separação da morte e torna real esse amor criador da comunhão e comunidade na vida deste mundo. Em outras palavras, Deus no poder do Espírito Santo está nos fazendo participantes desse mistério da comunhão do Deus-conosco. Entre a ação de Deus visando a nossa participação e a nossa experiência da comunhão como resposta está a mediação da história da experiência de pessoas em outros tempos e em outras culturas.

ESTUDO CRÍTICO DA BÍBLIA

O cânon, a norma dessa história é a Bíblia. A cerne do Cânon são, nas palavras dos anglicanos dos séculos XVI e XVII, "as coisas necessárias para a salvação".

Com o surgimento das novas maneiras de ver o mundo nos tempos das primeiras Conferências de Lambeth a Igreja foi desafiada a tomar a consciência mais aguda de que "as coisas necessárias para a salvação" - o mistério da comunhão do Deus-conosco - são mediadas pelas histórias anunciadas nos contextos de outros tempos. Isso equivale a dizer que a Bíblia tem de ser estudada como produção literária de homens e mulheres de outros tempos e ter reverência para com a experiência do mistério da comunhão do Deus-conosco, que nos vem por meio dessa produção literária.

¹⁰ *The Lambeth Conference 1948*, SPCK, pp 18-19

¹¹ *The Lambeth Conference 1968*, SPECK, pp. 32, 74

¹² *The Lambeth Conference 1978* SPECK, pp. 69ss.

Como já vimos, quando alguns membros da Igreja começaram examinar as teorias de autorias da Bíblia até então aceitas e as publicar houve rebuliço na Igreja. Nesse rebuliço foi revelado algo insano, doentio, que procurou ir ao encontro dos desafios negativamente, por meio de condenação oficial dos desafios.

Diante disso, a Conferência de 1897 expôs o perigo a que incorreria a fé se ela for tomada de medo de examinar as Escrituras com o critério aplicado à literatura e aos documentos antigos. Que é que a Conferência de 1897 disse?

O estudo crítico da Bíblia pelos estudiosos competentes é essencial à manutenção de uma fé sadia na Igreja. Já se encontra em graves perigos aquela fé que recusa enfrentar as questões sobre a autoridade da Bíblia ou sobre a autenticidade de qualquer parte das Escrituras. Tal recusa cria uma dolorosa suspeita nas mentes daqueles aos quais ministramos e enfraquecerá o vigor de nossa própria convicção da verdade que Deus nos revelou. A fé que é sempre ou com frequência é acompanhada de um medo secreto para que não ousamos fazer pesquisa, a fim de que ela não nos leve aos resultados inconsistentes com o que já cremos - essa fé já está infectada de vírus que logo a destruirá.¹³

Por outro lado, a Conferência reconheceu que o estudo crítico será acompanhado de doença, se não tiver a proteção da reverência, confiança e paciência. Essa proteção refere-se à postura de fé, de abertura diante da Divina Presença em Jesus Cristo, o centro das Escrituras. Lida sob essa perspectiva, a Escritura é a história da revelação da humanidade criada à imagem de Deus e da revelação de Deus que assume a humanidade em Jesus Cristo e, por isso, todas as páginas da Escritura estão plenas da revelação da Presença Divina e elas exercem seu poder sobre as pessoas até que o Senhor venha.¹⁴

Estas referências encontram-se na Carta Encíclica e representam a linguagem mais pastoral, tendo como base um estudo apresentado por uma comissão designada pela Conferência.

O estudo constata, primeiramente, duas coisas. (1) O estudo das origens e estruturas das Escrituras tem inquietado alguns dos leitores ponderados e piedosos (2) Por outro lado, os leitores igualmente ponderados e reverentes para com a Bíblia têm acolhido o estudo livre da crítica bíblica por apoiar a melhor compreensão e aceitação mais pronta da Palavra de Deus. Aqui é bom observar que esta forma de constatação tem prevalecido nos relatórios das Conferências recentes de Lambeth, principalmente, das questões controvertidas. O mesmo se constata nos documentos das Comissões designadas para as questões da Ordenação Feminina. Numa conversa mais informal Colin Craston, coordenador do Conselho Consultivo Anglicano disse que tal procedimento consiste em não colocar os oponentes na parede, mas deixar certa abertura para uma saída melhor.

Na primeira parte do relatório a comissão expõe ainda outros pontos detectados no estudo. Por exemplo,

(1) a autoridade divina e a inspiração ímpar das Escrituras não serão comprometidas com os estudos críticos. (2) Conclui-se, ao contrário, que a Bíblia em sua coerência histórica, moral e espiritual apresenta a Revelação de Deus progressivamente dada e adaptada às várias épocas até que se encontre a sua completação na pessoa, no ensino e na obra de Nosso Senhor Jesus Cristo. A Revelação assim interpretada e aplicada sob a direção do Espírito Santo constitui a suprema regra e o padrão último da doutrina cristã. Sob esse aspecto, (3) o estudo crítico de qualquer parte das Escrituras é um dever comum dos mestres cristãos e dos teólogos que são capazes.

Por outro lado, o relatório recomendou que se tomasse precaução contra posições dogmáticas e conclusões apressadas tanto por parte dos oponentes quanto dos simpatizantes da crítica bíblica.

Feita essa ressalva, a comissão reconhece que os estudos críticos trarão para a Igreja um senso mais vívido da realidade da Revelação Divina que foi dada pelas agências e história humanas, que contêm "todas as coisas necessárias para a salvação".

Na segunda parte do relatório, a comissão reconhece várias especulações críticas, limita-se a reconhecer-las, e salienta que, nos últimos cinquenta anos, os estudos têm sido influenciados por duas características

¹³ *The Six Lambeth Conferences*, p. 188

¹⁴ *The Six Lambeth Conferences*, pp. 188-89

da época: (1) desenvolvimento do conhecimento científico e pesquisa histórica, (2) solidariedade do conhecimento humano.

Após essa constatação, vem ainda o reconhecimento de que, aplicado o método científico, a Bíblia se difere de todas as outras obras literárias. Esse caráter diferente merece a nossa atenção. Pois com todas as características da produção humana feita em diferentes épocas, em contextos diferentes há nessa literatura algo que nos confronta e desafia. Sem ser o outrem, a Bíblia deixa de ter desafio para a Igreja.

Que é essa característica diferente que o mundo de estudiosos ressaltou?

- (1) Diversidade e crescimento das tradições bíblicas (ainda não se usou essa terminologia)
- (2) O valor permanente dos livros da Bíblia quando colocados em seu contexto histórico e em relação com as idéias dominantes da época.

Esses pontos são importantes, também, para nós hoje, embora a noção da diversidade fosse limitada.

No que se refere à continuidade entre o Antigo Testamento e Novo Testamento e o uso do Antigo Testamento pelos autores do Novo Testamento, mostrou-se necessário ainda passar pelos estudos e debates. Mesmo assim, vemos aí a abertura de espaço para a leitura contextual das Escrituras com instrumentos críticos. O reconhecimento da "mediação" da Palavra por meio das agências humanas e históricas possibilita todas as formas de leitura da Bíblia hoje disponíveis. Lambeth nunca foi legislativa e seus relatórios têm tido força limitada. Mas os relatórios têm sido uma orientação geral para a Comunhão Anglicana. É claro que, nos Seminários e nas Universidades relacionadas com as Igrejas da Comunhão Anglicana, estava em processo o ensino das Escrituras nos moldes críticos disponíveis na época e os debates sobre os mesmos.

O LIVRO DE ORAÇÃO COMUM EM 1897 E SUA ADAPTAÇÃO AOS NOVOS CONTEXTOS

Depois das Escrituras o Livro de Oração Comum ocupa lugar de importância em nossa Comunhão Anglicana, porque, nele, se encontra o nosso padrão autorizado de doutrina. Os membros da Conferência entenderam que, no LOC, estão expostas as grandes doutrinas da Fé em sua relativa proporção. Por isso, eles mostraram o cuidado de não comprometer a inclusividade e equilíbrio. Dentro desse cuidado, eles reconheceram as limitações no sentido de que nenhum LOC pode ir ao encontro de toda e qualquer necessidade dos membros da Igreja em cada variação das circunstâncias locais. Por exemplo, a Igreja dos Estados Unidos estava enfrentando problemas advindo do evangelicalismo, dos panfletários, do ritualismo, do evolucionismo, da crítica bíblica, da insegurança em face à imigração maciça de Católicos Romanos, e da mudança de gosto na arquitetura eclesial.¹⁵

Nessa mesma época, na Inglaterra e no País de Gales cerca de cinquenta por cento da população frequentava as Igrejas. Ronald C.D. Jasper apresenta o seguinte quadro:

O número de população	17.927.609
O número de participantes	
Igreja da Inglaterra	5.292.551
Igreja Católica Romana	383.630
Igrejas Livres	5.288.294

A grande maioria havia perdido contacto com as Igrejas por desinteresse. Havia, também, quem não fosse à liturgia porque não se dispunha de roupas adequadas. Outros, embora em poucos casos, eram barrados pelo sistema de cadeiras "cativas". Principalmente, a Igreja da Inglaterra perdeu a sua influência na área industrial do Norte. Com a pesquisa que mostrou o quadro acima houve uma pergunta geral: Será que os Ofícios da Igreja estão indo ao encontro da necessidade espiritual do povo? Foi nessa época que em que houve a tentativa de mudança na legislação litúrgica no sentido de reduzir Oração Matutina, Lítania e Eucaristia num só Ofício

¹⁵ Marion Hatchett citado por SYDNOR, William. *The Real Prayer Book*, p.60

de modo que o culto dominical fosse abreviado. Houve mais sugestões até movimentos para a mudança na Liturgia.¹⁶

Sob esse pano de fundo, a Conferência de 1897 afirmou a importância do *jus liturgicum*, o direito do bispo diocesano autorizar ofícios adicionais na sua diocese. Vemos com isso o princípio da liberdade e ordem. Por isso, o relatório ressalta a importância do espírito e padrão do ensino do Livro de Oração Comum.

PREOCUPAÇÕES COM A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

Houve demonstração de interesse pelo nível educacional teológico nas Igrejas, principalmente, nas colônias britânicas. Houve recomendação aos empresários no sentido de que, para elevar o referido nível, instituir seminários ou bolsas ou cátedras. Todavia, as preocupações pela melhoria do nível acadêmico eram mais apoloéticas no sentido de defender a Fé, ao invés de ampliar as fronteiras da Missão não apenas no sentido geográfico, mas no sentido de dialogar com o mundo e descobrir novas formas de participar na vida deste mundo como agentes do Reino de Deus

MISSÃO AOS POVOS DE OUTRAS RELIGIÕES

O relatório sobre a Missão aos povos de outras religiões foi bastante extenso. Primeiramente, é louvado o esforço que a entidade ecumênica, a União Missionária de Estudantes Voluntários está empreendendo. Constatou-se que um bom número desses voluntários são anglicanos.

O relatório classificou as missões de acordo com os povos aos quais procuram servir. Os povos não cristãos foram classificados em judeus, maometanos e outros e estes em letrados e iletrados. Por letrados quer-se dizer que o sistema de crença baseia-se em escritos da antigüidade e implica numa filosofia completa de vida. E, por iletrados, quer-se dizer povos cuja crença e rito são matérias de tradição e costume e, em geral, não há estudo para se viver essa religião. É o caso dos africanos. E o relatório mostra imenso entusiasmo pela missão na África. A causa disso é a disposição imensa dos evangelizados se tornarem evangelistas.

No panorama dos movimentos de reforma na Europa e na América Latina tais como a Igreja Vetero-Católica, na Alemanha, Cristãos Católicos da Suíça, Igreja Episcopal Mexicana, Igreja Episcopal na Espanha e Portugal (com episcopado e sínodo próprios) aparece, pela primeira vez, o trabalho da Igreja Episcopal no Brasil.¹⁷

LAMBETH 1908 e Missão Estrangeira

O crescimento da Igreja nas linhas raciais, nacionais na Ásia, África e América

1. Batismo

O perigo da admissão fácil dos adultos à Igreja pelo Santo Batismo é geralmente reconhecido. Existe um período preparatório de catecumenato e este varia de acordo com o grau de educação. Mas é preciso assegurar crença inteligente na fé cristã e aceitação desejosa de viver a vida cristã.

2. Livro de Oração Comum

Existe em toda parte no campo missionário a necessidade de adaptar o Livro de Oração Comum às circunstâncias locais. É interessante observar duas afirmações. (1) o reconhecimento do LOC como valor educativo, como laço de união entre as Igrejas da Comunhão Anglicana e padrão de devoção. (2) a importância de tornar a forma do culto público mais inteligível aos menos instruídos e melhores adaptado às diversas necessidades de várias raças dentro da Comunhão Anglicana.

3. Celebração da Eucaristia com o pão feito da farinha de trigo e com o fruto da videira

¹⁶ JASPER, R.C.D. *The Development of the Anglican Liturgy 1662-1980*, pp.46ss.

¹⁷ *The Six Lambeth Conferences*, pp. 222-243

Tudo indica que houve situação angustiosa dos responsáveis diante de milhares de pessoas batizadas e confirmadas na Uganda. Desejosas de comungar, no entanto, distante da região oceânica, sem produção local do vinho e, além disso, sua importação dificultada pelo governo, elas não puderam comungar. Diante disso, a Conferência foi consultada sobre a celebração com outros elementos. O relatório demonstrou a extraordinária simpatia com o dilema que os bispos nessas circunstâncias enfrentaram. Mas deixou o fardo do dilema com os que têm de arcar o fardo da responsabilidade. Em que consistia o dilema? Recusar ao povo de Deus os meios de graça ordenados por Cristo? Ou alterar esses meios de acordo com as exigências da circunstância? Em poucas palavras, a Conferência deixou com a sabedoria dos bispos nessas circunstâncias.¹⁸

4. Igreja e costumes locais

A questão foi sentida agudamente no casamento entre os cristãos e não-cristãos. Constatou-se que em vários campos missionários foi desencorajado o casamento misto e, em alguns casos, estritamente proibido sob as expensas de ex-comunhão. Por exemplo, em alguma parte da China os pais que davam as filhas em casamento aos não-cristãos eram excomungados sob o fundamento de que as filhas foram consideradas, nesses casos, seres não livres e que, no geral, não podem levar a vida cristã. O mesmo acontecia na Índia.

O relatório recomendou a excomunhão em seguintes casos:

- 1) quando o casamento for celebrado com ritos religiosos incompatíveis com a fé cristã,
- 2) ou quando for evidente que tais casamentos envolveriam a renúncia da fé cristã.

Por outro lado, foi demonstrada a abertura para usar a forma nativa de casamento. Que era isso? Na Índia, fazia parte da cultura a noiva usar um colar ao invés de anel. De fato, seria uma imposição cultural o uso do anel onde o seu uso não é costume do povo.

A idéia consistia em tomar a forma nativa e consagra-la para fins cristãos e expressar a intenção de convívio vitalício no casamento. Também foi recomendado que se registrasse o casamento de acordo com as leis da nação.

O casamento foi apenas uma parte da questão da adaptação da Igreja aos costumes e culturas locais. Na verdade, o problema da inculturação estava sendo discutido.

Em primeiro lugar, houve reconhecimento de que, no passado, a missão cristã foi ligeira em introduzir os costumes ocidentais, desencorajar e suprimir os costumes nativos, que não mostram necessária conexão com a idolatria ou superstição. Essa atitude resultou em que a Igreja vem ao povo com roupagem de outros países e impede que o povo local expresse suas idéias e sentimentos de forma natural para eles. A comissão reafirma a resolução 19 de Lambeth 1897 no sentido de que a Igreja deve se adaptar, na medida do possível, às circunstâncias locais e que leve o povo a sentir em todas as coisas que nenhum jugo estrangeiro está sendo imposto sobre eles....Devemos encorajar o povo a fazer coisas a seu próprio modo, mesmo que não seja idealmente o melhor.¹⁹

5. Financiamento próprio e autogoverno

Nesse mesmo espírito o relatório recomendou que se faça o máximo esforço de treinar as Igrejas nativas e suas congregações à manutenção própria e ao governo próprio e conduzi-las a gerenciar seus negócios. Também se alegrou com o progresso já alcançado nesse sentido em vários lugares, mas que muita coisa ainda estava para se fazer.

O relatório fez, digamos, três ponderações importantes. (1) os missionários devem fazer auto-restrição para que sua fortaleza não se torne em fonte de fraqueza para os conversos. (2) Não há razão para se alarmar quando houver erros. É melhor cometer erros e deles tirar lição do que os cristãos nativos permanecerem inati-

¹⁸ *idem*, pp.388-90

¹⁹ *The Six Lambeth Conference*, pp 375-56

vos e dependentes. (3) o passo importante para o autogoverno é a socialização mais ampla do conhecimento teológico.

Autonomia financeira e política das Igrejas estão de acordo com a opção feita pelas Igrejas da Comunhão Anglicana, em nível internacional com respeito à sua organização, sem uma superestrutura centralizada, mas uma organização que permita a seus membros a prática de consulta. Os anglicanos têm considerado esta forma de governo parte do catolicismo antigo ou reformado.²⁰

6. Questões Raciais

A Igreja está presente entre várias raças do mundo. A presença de diversas raças na Igreja representa, de um lado, a aceitação do Evangelho do Reino de Deus por várias raças, e, de outro, as dificuldades que a Igreja Primitiva enfrentou (judeus e gentios).

O relatório, enfaticamente, lançou, em primeiro lugar, o princípio da unidade em Cristo. Todas as raças devem estar numa só Igreja de Cristo. É inconsistente com esse princípio a existência de Igreja lado a lado separadamente por diferenças raciais.

No Japão e na China o trabalho estava sendo feito no sentido de organizar e fortalecer uma Igreja nativa.

Na Índia e na África do Sul a questão era mais complexa. Em 1908, a Conferência pensou na possibilidade de se ter diferentes administrações em linhas raciais, sem incorrer na quebra da unidade por meio de discriminação racial.

O relatório deplorou a situação dos negros no Sul dos Estados Unidos, e louvou a Igreja que se esforça para sobrepujar a discriminação na Igreja.²¹

7. TESTEMUNHO DA IGREJA EM RELAÇÃO AO IDEAL DA DEMOCRACIA E QUESTÕES SOCIAIS

Um outro ponto significativo no relatório de 1908 foi a reação da Conferência diante do crescente interesse dos povos pela democracia como havia preconizado Alexis De Tocqueville em 1828. A democracia representativa dos tempos modernos com seus novos ideais e aspirações, o senso crescente de insatisfação com as coisas como são os clamores pela justiça na distribuição dos resultados da indústria, todos esses fatores trazem à tona questões sociais. Assim entendeu a maioria da Conferência.

Todos esses movimentos para a solução democrática devem ser, na visão dos bispos, acolhidos pela Igreja como um dos grandes desenvolvimentos da história humana, que, em última instância, são de inspiração divina. Disseram eles, também, que cabe à missão da Igreja ajudar o espírito democrático abrir-se ao propósito divino.

Por que esse interesse por todos esses movimentos sociais? O que os bispos disseram a respeito disso esclarece a razão porque a Conferência dos Pastores da Igreja debateram as questões sociais e políticas.

Toda a esfera da vida humana material bem como espiritual deve ser consagrada aos mais nobres propósitos. Toda aspiração humana, todo desejo humano devem encontrar satisfação legítima e devem ser trazidos ao domínio de Cristo.

Certamente, essa visão é inspirada pela perspectiva da fé cristã de que o mundo é criado por Deus e tudo pertence a Deus. E o cristão é chamado à santificação. Não existe tal santificação da alma ou santificação limitada aos setores da vida denominados de religiosos.

Os membros da Conferência buscaram relacionar a doutrina da paternidade de Deus e fraternidade das pessoas com as questões sociais. Entenderam eles que a timidez e a indiferença da Igreja com respeito às ques-

²⁰ *idem*, p. 376

²¹ *idem*, pp. 376-78

tões sociais fortaleceriam o sentimento entre os assalariados de que a Igreja sempre se identifica com os interesses da riqueza e da propriedade. E levantaram questões francas e corajosas para a Igreja.

Por que a Igreja falha em conseguir a simpatia e respeito daqueles que procuram um ideal tão amplamente de acordo com os princípios de Nosso Senhor, visto que claramente é errôneo supor que este movimento democrático seja em si ateu e anticristão?

A Conferência viu dois fatores na Igreja que respondem a essas questões.

(1) A nova democracia em busca de fraternidade confronta-se com as divisões e competições intermináveis das organizações dentro da Igreja e com pouca prática da solidariedade na vida da Igreja. E isso foi dito como a vergonha que deve ser confessada.

(2) Com frequência o governo da Igreja é autocrático.²²

Por outro lado, a nova democracia demonstra tristemente suas limitações. Que são as limitações? Embora deseje a fraternidade, o seu escopo se restringe ao progresso material. Por isso, cabe à Igreja relacionar a fraternidade na democracia e a fraternidade de toda a humanidade em Jesus Cristo. Houve, também, a sugestão de que se desenvolvesse por meio de pequenos grupos a prática da justiça comum à Igreja e aos ideais democráticos. Nisso ensinou-se a fertilização mútua no sentido de inspirar a cidadania democrática na perspectiva do Reino de Deus e renovar o senso da cidadania do laós (povo, leigo) de Deus nas linhas de serviço no mundo. Também, percebeu-se que o senso da cidadania na Igreja implicaria no exercício do ministério de todo o povo de Deus, principalmente, na participação no governo da Igreja.

8. ORGANIZAÇÃO INTERNA DA COMUNHÃO ANGLICANA

Como em outras Conferências anteriores e futuras a organização da Comunhão Anglicana não deixou de ser tratada.

Foi considerada a importância da Comissão Central Consultiva para se reunir periodicamente no inter-regno das Conferências. Por outro lado, descartou-se a supremacia da Sé de Cantuária sobre as sés primaciais e metropolitanas.

Quanto à autoridade do bispo diocesano o relatório entendeu o seguinte:

Como Ministro da Igreja a autoridade do bispo não é absoluta, mas é constitucional, sendo limitada, de um lado, pelos Cânones, e, de outro lado, pela analogia com o princípio antigo de que o bispo deve agir após aconselhar-se com o seu clero e com o seu povo.²³

APÊNDICES

5ª Conferência (1908)

- Carta (ver o espírito da...)
- Fé e Pensamento Moderno
- Provisão e Treinamento do Clero
- Educação
- LOC
- Santa Comunhão (problema do cálice e o receio)
- Ministério da Cura
- Casamento e seus problemas
- O testemunho moral da Igreja
- Organização anglicana
- Reunião

²² *The Six Lambeth Conferences*, p.410. As citações acima feitas vêm das pp.409-411

²³ *idem*, p.419

- I. Relatórios sobre a Fé e Pensamento Moderno (dar atenção pp 344ss)
- II. Provisão (Supply) e Treinamento do Clero e o intercâmbio entre as Igrejas da CA
 - 1. decrescimento do número de vocações na Inglaterra
 - 2. resultado sentido na Inglaterra
 - 3. em outras Províncias
 - 4. causas do declínio
 - 5. provisão
 - 6. Treinamento
 - a) Treinamento preliminar
 - b) Treinamento universitário
 - c) Treinamento especial
 - 7. Intercâmbio de serviço
 - 8. Apêndice: estatística
- III. Educação Religiosa nas Escolas
- IV. Missão estrangeira
 - A. crescimento nas linhas raciais e nacionais na África, Ásia, América.
 - 1. Batismo
 - 2. LOC
 - 3..Casamento
 - 4. Adaptação aos costumes nativos
 - 5. Autonomia financeira e política
 - 6. Problemas raciais
 - B. correlação e cooperação entre agências missionárias
 - tradução do Nome de NS Jesus Cristo nos países sob a influência islâmica
- V. Sobre o LOC e sua adaptação e enriquecimento
 - Saltério, Lecionário, Quicunque vult
- VI. Sobre condições exigidas para a ministração da Santa Comunhão
- VII. Sobre o Ministério da Cura
 - (a) Unção, (b) em relação à Ciência Cristã
- VIII.. Casamento
 - (a) Divórcio, (b) Graus de parentesco proibidos, (c) Controle de Natalidade.
- IX. Sobre o testemunho ético da Igreja em relação ao ideal democrático e questões sociais e econômicas
- X. Sobre a organização interna da Comunhão Anglicana
- XI. Sobre Reunião e Intercomunhão
 - (a) Igrejas Episcopais
 - (b) Não-episcopais
 - (c) Unitas Fratrum
- XII. Comunidades religiosas

6ª CONFERÊNCIA (1920)

Relatórios

- 1. Cristianismo e Relações Internacionais (Liga das Nações)
- 2. Oportunidade e Dever da Igreja em Relação aos Problemas Sociais e da Indústria
- 3. Desenvolvimento das Províncias na Comunhão Anglicana
- 4. Chamada Missionária
- 5. Posição das Mulheres nos Concílios e Conselhos (inclusive ordenação ao Presbiterado) (diaconisa em 1897 e 1908, pp 215ss; 440ss.)
- 6. Casamento e Moralidade sexual
- 7. Espiritismo, Ciência Cristã e Teosofia
- 8. Reunião e Relação com outras Igrejas: Episcopais, não-Episcopais, Reconhecimento dos Ministérios, "Validade" dos Sacramentos